

TENSÃO ENTRE INCONDICIONALIDADE E CONDICIONALIDADE NA ALIANÇA DAVIDICA COMO CATALISADOR DA HISTÓRIA DE ISRAEL

TENSION BETWEEN UNCONDITIONALITY AND CONDITIONALITY IN
THE DAVIDIC COVENANT AS A CATALYST FOR THE HISTORY OF ISRAEL

TENSIÓN ENTRE INCONDICIONALIDAD Y CONDICIONALIDAD EN
EL PACTO DAVIDICO COMO CATALIZADOR DE LA HISTORIA DE ISRAEL

Lucas César Ribas¹

RESUMO

A aliança de Deus com Davi é norteadora para a história de Israel. Seus aspectos incondicionais e condicionais são catalisadores na narrativa bíblica. Como esse pacto enriquece e amplia os aspectos das alianças divino-humanas anteriores e tem destaque nos períodos monárquico, exílico e pós-exílico, faz-se importante compreender seus atributos e implicações na história de Israel. Na análise da aliança no Antigo Testamento, constata-se que ela é incondicional e eterna, porém, com cláusulas condicionais para os seres humanos, isso se revela ser de muita relevância quando se percebe como tais são importantes na progressão da história narrada nos livros bíblicos que a relatam. Sua importância também ecoa no propósito de esses livros destacarem a tensão entre esses dois fatores como propulsores para um Israel ideal. Para alcançar seu objetivo, o estudo contou com estudiosos e especialistas do Antigo Testamento em sua bibliografia, alguns deles são: Walter Kaiser Jr., Andrew E. Hill, J. H. Walton, Raymond B. Dillard, Tremper Longman III e Antônio Renato Gusso.

Palavras-chave: Davi; aliança; incondicionalidade; condicionalidade.

¹ Graduando em Teologia pela FABAPAR. Brasil. E-mail: ribas.lucascesar@gmail.com

ABSTRACT

God's covenant with David is a guide for the history of Israel, its unconditional and conditional aspects are catalysts in the biblical narrative. As this pact enriches and broadens aspects of the previous divine-human covenants, and is prominent in both the monarchic, exilic and post-exilic periods, it is important to understand its attributes and implications in the history of Israel. In the analysis of the covenant in the Old Testament, it appears that it is unconditional and eternal, however, with conditional clauses for human beings, this proves to be very relevant when one realizes how important they are in the progression of the story narrated in the biblical books who report it. Its importance also echoes the purpose of these books to highlight the tension between these two factors as drivers for an ideal Israel. To achieve its objective, the study featured Old Testament scholars and experts in its bibliography, some of them are: Walter Kaiser Jr., Andrew E. Hill, J. H. Walton, Raymond B. Dillard, Tremper Longman III, and Antonio Renato Gusso.

Keywords: David; covenant; unconditionality; conditionality.

RESUMEN

La alianza de Dios con David guía la historia de Israel, sus aspectos incondicionales y condicionales son catalizadores en la narración bíblica. Dado que este pacto enriquece y amplía aspectos de alianzas divino-humanas anteriores, y es prominente tanto en el período monárquico como en el exílico y posterior al exilio, es importante comprender sus atributos e implicaciones en la historia de Israel. En el análisis de la alianza en el Antiguo Testamento, parece que es incondicional y eterna, sin embargo, con cláusulas condicionales para los seres humanos, esto resulta muy relevante cuando uno se da cuenta de cuán importantes son en la progresión de la historia narrada en los libros bíblicos quienes lo reportan. Su importancia también se refleja en el propósito de estos libros de resaltar la tensión entre estos dos factores como impulsores de un Israel ideal. Para lograr su objetivo, el estudio contó con estudiosos del Antiguo Testamento y especialistas en su bibliografía, algunos de ellos son: Walter Kaiser Jr., Andrew E. Hill, J. H. Walton, Raymond B. Dillard, Tremper Longman III y Antônio Renato Gusso.

Palabras clave: David; pacto; incondicionalidad; condicionalidad.

INTRODUÇÃO

O tema da aliança divino-humana é de grande importância na história de Israel, pois ela define como Deus se relaciona com Seu povo. Este significativo assunto tem tido diferentes abordagens e perspectivas nas diversas teologias da atualidade. Uma compreensão falha a respeito dele pode trazer equívocos doutrinários para a igreja e uma visão deturpada do relacionamento entre Deus e Israel no Antigo Testamento.

Uma das alianças divino-humanas veterotestamentárias é o pacto feito por Deus com Davi. Esta é feita em um dos momentos de maior glória para a nação de Israel, em que, na narrativa bíblica, a monarquia de Davi e Salomão se torna modelo ideal para esse povo e a aliança, norteadora e educadora sobre para onde Israel deveria caminhar, e como precisaria agir. Isto posto, esta pesquisa procura responder ao questionamento: qual a natureza da aliança davídica e como ela moldou a história de Israel e influenciou sua relação com Deus?

A aliança davídica deve ser bem definida, e suas implicações para Israel esclarecida para evitar julgamentos errados sobre o povo israelita, a fim de atingir um correto entendimento do Antigo Testamento, visto que há uma unidade e continuidade no cânon bíblico protestante. Portanto, este artigo discorre sobre os seguintes objetivos específicos: definir o conceito bíblico e gramatical da aliança divino-humana no AT, verificar as diversas perspectivas teológicas a seu respeito na atualidade, investigar as peculiaridades e a importância da aliança davídica, analisar o caráter incondicional e condicional desta e reconhecer o seu impacto na história de Israel.

1 A ALIANÇA DIVINO-HUMANA

A aliança divina com o ser humano é um tema de grande importância na Bíblia (GUSSO, 2001, p. 62.) e esta, feita com Davi, se estende para além dele, é também pacto divino com Israel, assim como as alianças anteriores a esta foram (2Sm 7; Gn 15.11-12; 17.7; Ex 6.2-4; Sl 105.7-10). Para se compreender a aliança davídica e suas implicações na história do povo eleito, faz-se necessário entender nitidamente a definição do pacto divino-humano.

A palavra hebraica utilizada no Antigo Testamento para descrever a aliança entre Deus e o ser humano é *berît*, e pode ser traduzida também por

pacto ou concerto. Ela descreve uma relação estabelecida por Deus com um ser humano (GUSSO, 2001, p. 56). Um juramento divino incondicional validava o pacto com promessas de bênçãos ou maldições condicionadas à fidelidade do aliado humano (GUSSO, 2001, p. 57-58). A palavra hebraica é um termo dinâmico, é uma ação, “um ato pelo qual se obriga solene e oficialmente, como se fosse um juramento” (MELAMED, 1980 *apud* GUSSO, 2001, p. 57).

(b'rit) aliança; entre nações: tratado, aliança de amizade; entre indivíduos: acordo ou trato; em uma obrigação entre um monarca e seus subordinados: uma constituição; entre Deus e o homem: uma aliança acompanhada de sinais, sacrifícios e um juramento solene que selava o pacto com promessas de bênção para quem guardasse a aliança e de maldição para quem a quebrasse. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 2005, p. 214)

Um caráter relacional é atribuído no pacto divino-humano, como McCarthy (1972 *apud* HARRIS; ARCHER, Jr.; WALTKE, 2005, p. 216) adverte, a aliança é apresentada através de analogias de relação familiar, como a que existe entre pai e filho ou esposa e esposo, e “não é em primeiro plano legalista ou moralista, mas sim cultural, isto é, vinculada à prática religiosa”. Essa perspectiva impede a aliança de ser considerada meramente como um acordo retributivo, a conexão afetiva e o compromisso de lealdade ganham destaque.

As Escrituras atribuem a esse tipo de aliança, além da voluntariedade, um comprometimento de amor em ambas as partes. Deus jamais quebraria Sua aliança ou invalidaria Suas promessas, porém, uma pessoa humana poderia quebrá-la e não participar delas (Gn 17.14). A base da aliança era o amor de Deus, sua quebra pela parte humana significava rejeitar o relacionamento com Deus (GUSSO, 2001, p. 58-59).

A aliança entre Deus e um humano na Bíblia não descreve “uma relação de igualdade entre as partes” (GUSSO, 2001, p. 56), é um pacto determinado pelo mais forte, que é Deus. É Javé quem tem o direito e autoridade para arbitrar; ao mais fraco, o ser humano, apenas lhe é permitido receber com agrado as condições impostas (GUSSO, 2001, p. 56). Nas alianças entre pessoas ou nações descritas no Antigo Testamento seria possível haver igualdade, ou não (HARRIS; ARCHER, Jr.; WALTKE, 2005, p. 215), nisso a aliança divina se difere das entre humanos, a parte de Deus é infinitamente maior que a humana envolvida, porque Deus é imensamente superior a toda a criação (1Rs 8.27).

2 AS DIVERSAS PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS SOBRE A ALIANÇA

Embora haja uma promessa feita por Deus a uma pessoa já no início do Pentateuco (Gn 3.15), segundo Gusso (2001, p. 63) a primeira aliança divino-humana de que se tem clareza é a estabelecida com Noé e a humanidade (Gn 6.18; 9.9-17). As alianças subsequentes descritas no Antigo Testamento são a abraâmica (Gn 12.1-3,7; 15.1,4-5,7,18-21; 17.1-16), a moisaica (Dt 4.10-13; 5; 11.26-28; Ex 19:3-6; 20.1-17; 24.3,7-8) e a davídica (2Sm 7.4-29; 23.5; Sl 89; 132; 1Cr 17.4-14; 1Rs 8.20-25). Há também promessas sobre uma Nova aliança que seria estabelecida com Israel (Jr 31-34; Ez 36.26-30; 37.15-28).

Há diversas perspectivas teológicas sobre a aliança na Bíblia. Alguns defendem que a aliança é um contrato condicional e que, quando Israel a quebrou, Deus substituiu esse povo pela Igreja, e as promessas foram anuladas aos judeus. Outros defendem a teologia da aliança, eles falam de uma aliança de obras e uma da graça, a primeira seria condicional e a segunda incondicional, esta substituiria aquela, incluindo judeus e gentios na nova (KAISER JR., 2011, p. 26-28).

Franz Rosenweig defendeu a dupla aliança, duas alianças vigentes, uma com Israel e outra com a Igreja. Para ele, o Evangelho é dado aos gentios e a Lei aos judeus (KAISER JR., 2011, p. 26-28). A visão do dispensacionalismo clássico defende que as alianças foram feitas com Israel, e os gentios crentes no Evangelho apenas participam das bênçãos delas (BEZERRA; ANDRADE, 2019, p. 393-395).

Segundo Kaiser Jr. (2011, p. 14), nenhuma dessas teologias correspondem da melhor forma ao que a Escritura ensina sobre a aliança, para compreendê-la é necessário empreender isso a partir de uma teologia bíblica “e não uma compilação de teologias bíblicas”. É necessário saber o centro da mensagem para se entender o seu plano e propósito, o qual seria “a promessa” de Deus (KAISER JR., 2011, p. 28-29).

A proposta de Kaiser Jr. (2011) procura se manter fiel ao conteúdo das alianças sem se preocupar com nomenclaturas. Ele defende que, em cada nova aliança feita com Israel, o conteúdo da anterior é preservado, enriquecido, ampliado e agregado a um corpo de verdades fundamentais que carregam o principal da mensagem e do plano de Deus. Sem forçar o

conceito de aliança na passagem de Gênesis 3:15, vê-se o “descendente” prometido como o início de uma promessa que seria enriquecida nas alianças que são descritas posteriormente na Bíblia. Nessa perspectiva, a aliança davídica não substituiria as anteriores, nem seria anulada em algum momento, mas seria estabelecida com elas, e todas as promessas cumpridas (KAISER JR., 2011, p. 28-29).

3 A ALIANÇA DAVIDICA

Dyrness (2000 *apud* GUSSO, 2001, p. 68) afirma que há uma ligação entre a aliança davídica e as promessas dadas aos patriarcas, e apoia sua afirmação com a citação de uma frase de Mendenhall, que está de acordo com o pensamento de Kaiser Jr., ao declarar que “em Davi, a promessa para os patriarcas é cumprida e renovada”. Logo, seguindo esse pensamento, haveria uma continuidade, e não descontinuidade, entre este pacto divino-humano e as promessas dadas anteriormente na história bíblica (KAISER JR., 2011, p. 126). Hill e Walton (2011, p. 240-241) veem um paralelo entre o pacto feito com Davi e o com Abraão, afirmando a subordinação daquele a este.

Esse plano de Deus iniciado em Genesis 3.15 com a promessa de um herdeiro, a “semente”, prosseguiria até incluir a herança de uma “terra” e o legado do evangelho, no qual todas as nações seriam abençoadas. Tudo isso, porém, era apenas uma constelação de especificações acolhidas por esse plano unificador de Deus chamado de promessa. (KAISER JR., 2011, p. 29)

A aliança de Deus com Davi é citada em 2 Samuel 7 e repetida em 1 Crônicas 17. Embora naquele texto não apareça a palavra *berît*, em 2 Samuel capítulo 23 e verso 5 o próprio Davi afirma que Deus estabeleceu uma aliança eterna com ele. Há outras passagens que deixam claro que 2 Samuel 7 é o estabelecimento desse pacto (Sl 89; 132). Em semelhança às alianças anteriores, esta é perpétua, promessas são feitas e seus cumprimentos garantidos (2Sm 7.13; Sl 89.2-4; Gn 17.7-8).

Hill e Walton (2011, p. 241) descrevem a promessa feita a Davi, os elementos que estão conectados a feita à Abraão são: (1) tornar seu nome famoso (2Sm 7.9; Gn 12.2); (2) um lugar seguro e permanente para Israel (2Sm 7.10-11; Gn 12.3,7; 13.14-17; 15.18-21; 17.8). Os acréscimos começam no versículo 12, estes são: (3) um descendente de Davi herdar o reino após sua morte (2Sm 7.12); (4) este edificar uma casa ao nome de Deus e ter seu trono

estabelecido para sempre (2Sm 7.13); (5) haver uma relação paternal entre Deus e o filho de Davi (2Sm 7.14); (6) essa aliança poderia se estender para os sucessores do filho de Davi (2Sm 7.15-16).

Kaiser Jr. (2011, p. 125-126) também relaciona a aliança davídica com outras passagens relacionadas à mosaica além da abraâmica, destacando a existência de “um longo desenvolvimento teológico que poderia permear e contribuir à aliança com Davi”. Dois deles seriam: a relação paternal de Deus com Israel (2Sm 7.14; Ex 4.22); a possessão de Israel como povo de Javé, e Ele como Deus de Seu povo (2Sm 7.23-24; Ex 6.7; 29.45; Lv 11.45; 22.33; 23.43; 25.38; 26.12,44-45; Nm 15.41; Dt 4.20; 29.12-13).

É interessante citar neste artigo um adendo que Kaiser Jr. (2011) faz. Ele conclui que a melhor tradução para a frase “e esta é a lei para os homens”, da oração de gratidão de Davi pela graça divina concedida na aliança, seria: “um oráculo que determina o destino dos homens”, ou “o decreto acerca da humanidade em geral” (2Sm 7.19). Em sua reflexão sobre essa oração, ele diz que, nessa aliança, além da promessa incluir um rei e um reino, “esta benção abrangeria o futuro de toda a humanidade” (KAISER, JR., 2011, p. 125-128). Como ele mesmo destaca, essa tradução é bem possível, visto que a promessa feita a Abraão, de que em Abraão seriam benditas todas as famílias da terra (Gn 12.3), era um tema familiar a Davi.

4 TENSÃO ENTRE INCONDICIONALIDADE E CONDICIONALIDADE SEM CONTRADIÇÃO BÍBLICA

Uma aliança eterna foi firmada com Davi, mas ao final do livro de 2 Reis, “tanto a terra quanto a monarquia estavam perdidas devido a desobediência” (DILLARD; LONGMAN III, 2017, p. 142). Esta questão tem levado muitos estudiosos a discutirem até hoje os atributos desse pacto divino-humano. Alguns, baseados nas abordagens críticas da fonte, afirmaram um conflito entre o pensamento de alguns autores bíblicos, isso sugeriria mais de uma teologia bíblica e contradições no cânon (DILLARD; LONGMAN III, 2017, p. 131-132). Mas, se como defende Kaiser Jr. (2011), existe apenas uma teologia bíblica, com um tema norteador central, a promessa, que se enriquece no decurso da história de Israel, pode haver progressão da revelação na narrativa, sem contradição.

Toda essa questão pode ser mais bem esclarecida no estudo da tensão entre condicionalidade e incondicionalidade da aliança davídica, e em como esta se mostra na história israelita. Dillard e Longman III (2017, p. 141-142) escrevem que em toda a história deuteronomica (Josué-Juizes-Samuel-Reis) há tensões não resolvidas e que, em Samuel, “a tensão entre a graça e a lei de Deus se estende ao problema da monarquia”. Segundo eles, a tensão entre as promessas e a justiça de Deus permanecem não resolvidas nesses livros (DILLARD; LONGMAN III, 2017, p. 141-142).

Apesar de em 2 Samuel 7 não haver condições estabelecidas com Davi, há claras condições quando a aliança é discutida com Salomão (1Rs 2.4; 6.12; 8.25; 9.4-5) (HILL; WALTON, 2011, p. 241). Para Hill e Walton (2011, p. 241-242), isso significa que a aliança era incondicional apenas para Davi, porém condicional para seus descendentes. O que não se pode afirmar é que as promessas poderiam ser frustradas por Israel, ou que Deus deixaria de as cumprir devido à infidelidade do povo, como já foi esclarecido neste ensaio ao definir a aliança divino-humana biblicamente. Caso um descendente de Davi quebrasse a aliança, ele não participaria da mesma, ainda assim Deus soberanamente garantiria que a descendência davídica permanecesse para sempre no trono (1Rs 11.33-36).

Para Dillard e Longman III (2017, p. 154), o próprio escritor de Reis, que descreve o pecado de Salomão e a divisão do reino de Israel, “se preocupa em demonstrar a continuidade da dinastia de Davi em Judá como uma demonstração da fidelidade de Deus às suas promessas”. Essa informação ganha maior importância quando se percebe que o autor-compilador do livro de Reis viveu durante o período exílico (586-539 a.C.).

Tudo isso demonstra que, mesmo quando o povo não tinha mais um rei e uma terra, havia aqueles que continuavam crendo na promessa e na fidelidade de Deus em cumprir Sua parte da aliança. O escritor de Reis busca dar, assim, uma resposta aos exilados que estariam em dúvida sobre o poder e a fidelidade de Deus. Para ele:

O Exílio não mostrou que Javé perdera o poder – exatamente o oposto: foi a prova de que Deus governava a história e que os exércitos da Babilônia estavam simplesmente cumprindo a sua ordem. [...] o povo havia provocado Deus com sua desobediência, até que ele decretou sua desgraça. (DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 155).

Em Reis, vê-se a fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas. Mesmo quando o povo de Javé quebrava a aliança e sofria o castigo divino, a graça divina permanecia acompanhando os descendentes de Davi (DILLARD; LONGMAN III, 2017, p. 159), Suas promessas permaneciam firmes. O Livro de Crônicas, escrito no período pós-exílico (DILLARD; LONGMAN III, 2017, p. 163), continua a afirmar que Deus permanece interessado em Israel, garantindo a sua existência como nação e sua eleição como povo de Deus (DILLARD; LONGMAN III, 2017, p. 166). Como visto, em toda a narrativa que descreve a história de Davi e de seus descendentes, do início da monarquia ao pós-exílio, é apresentada uma firme incondicionalidade da aliança de Deus, com verdadeiras e sérias condições impostas por Ele ao povo. Deus jamais quebraria a aliança, mas Israel poderia quebrá-la, e só Deus, como governador da história, seria capaz de a sustentar eternamente.

Esta breve análise parece corroborar com o que Gusso (2001, p. 57) afirma, que a incondicionalidade e a condicionalidade da aliança “não se contradizem, mas se completam”. A incondicionalidade ressaltaria as promessas feitas por Deus, e a condicionalidade evidenciaria as cláusulas impostas por Ele a Israel. Esses argumentos concordam na existência de duas partes na aliança, uma divina, superior e infinita, outra humana e finita, que coexistem em uma tensão dinâmica, embora aparentemente paradoxal, jamais contraditória.

5 A FORÇA CATALISADORA DA ALIANÇA DAVIDICA NA HISTÓRIA DE ISRAEL

Segundo Lasor (1999, p. 199), a importância da aliança davídica é suprema, pois é ela que gera em Israel a esperança profética de um rei davídico, assim como a rejeição dos reis não davídicos. Hill e Walton (2011, p. 242) afirmam a mesma coisa, destacando que essa esperança era “a base da teologia messiânica vista nos profetas”.

Essas constatações demonstram a grande importância que a aliança davídica tem na história de Israel, a promessa feita por Deus era o que Israel esperava, o cumprimento das condições impostas por Deus era o que buscavam realizar enquanto se ancoravam nela.

Para Dillard e Longman III (2017, p. 142), é a tensão entre as promessas e a justiça de Deus que leva toda a narrativa adiante, pois tanto a incondicionalidade como a condicionalidade da aliança têm um papel catalisador para a história israelita, visto que são essas duas coisas que a impulsionam a avançar. É com base nas promessas feitas a Davi que Salomão constrói o templo (1Rs 5-8; 2Cr 3-7). As passagens sobre a construção do templo de Reis e Crônicas deixam claro como era Deus que estava cumprindo o prometido a Davi, enquanto destaca a maldição que viria sobre Israel se quebrasse a aliança desobedecendo às suas cláusulas.

Pratt Jr. (2008, p. 209) menciona que 2 Samuel 7.14b indica que Deus não deixaria impune o pecado dos filhos de Davi, porém, quando um de seus descendentes fosse infiel, Deus levantaria outro filho para dar sequência ao reinado davídico. Israel poderia ter a certeza de que Deus cumpriria Sua parte na aliança, mas isso não significaria que Ele deixaria o pecado impune, na verdade, para a cumprir, Ele disciplinaria Seu povo. Esta também era parte da ação graciosa divina no pacto desde as alianças passadas, quando Deus diz que ensinaria Israel a temê-Lo. Como Deuteronômio capítulo 8 versículo 5 diz: nessa relação pactual, Javé disciplinaria Israel como um pai disciplina a seu filho (Dt 4.10-14; 5-8.5).

O enfoque da narrativa do livro de Reis está nos “responsáveis por cumprir a aliança em Israel” (HILL; WALTON, 2011, p. 257). Seu relato deveria dar esperança aos israelitas para que continuassem crendo no poder soberano de Deus em garantir a permanência eterna da aliança, e que, mesmo sofrendo a disciplina de Deus, eles continuavam sendo o povo “eleito”. “1 e 2 Reis continham palavras de exortação e ofereciam esperança a Israel e Judá” (HILL; WALTON, 2011, p. 257-258), estas repreendiam os israelitas para que cumprissem as condições da aliança, mas também os animava a seguir em frente, mesmo quando erravam, porque Javé continuava garantindo que estabeleceria a monarquia em Israel para sempre (HILL; WALTON, 2011, p. 256-259).

A mensagem do livro de Crônicas comunica à Israel pós-exílica que deveriam escolher por Javé e, ao mesmo tempo, confiar na atividade providencial dEle. Era necessário obediência à aliança para o sucesso da comunidade, mas sua confiança deveria estar no Deus que garantia um futuro glorioso para Jerusalém e para todo Israel, como o próprio cronista destaca ao salientar o reino unificado ideal como de Davi e Salomão (1Cr 12.38; 28.8; 29.23-26; 2Cr 35.3) (HILL; WALTON, 2011, p. 281-282).

Nessa tensão harmoniosa entre incondicionalidade e condicionalidade, o povo sempre teria a certeza da fidelidade de Deus para os fortalecer em momentos difíceis, socorrê-los quando pecassem e garantir um futuro glorioso. Assim, também eles entendiam que deveriam buscar agradar a Deus cumprindo Seus mandamentos. Como se percebe nesta breve análise, a incondicionalidade da aliança se demonstrava na força providencial operante na história de Israel, e a condicionalidade se mostrava no esforço de Israel em obedecer às suas condições. A força superior que mantinha Israel na aliança não era seu esforço em agradar a Deus, embora este fosse necessário, era a graça de Deus que garantia o sucesso (1Rs 11.11-13,32-36; Jr 30.1; 31.31-40). O próprio Salomão testifica isso ao reconhecer que, na verdade, todos os homens pecam, mas Deus faz com que se convertam a Ele de coração e os perdoa (1Rs 8.46-61).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo feito, pode-se concluir que, para compreender a aliança davídica, é necessária uma clara definição bíblica e gramatical do que significa o pacto divino-humano. Assim também, como destaca Kaiser Jr. (2011), é necessário compreender a aliança a partir de uma teologia bíblica, e não de muitas teologias, visto que na Bíblia não há contradições, há uma progressão e enriquecimento na revelação. Da mesma maneira que na narrativa do Antigo testamento a revelação progride e é enriquecida, a narrativa a respeito da aliança também o é.

Embora haja diversas visões teológicas sobre a aliança, segundo esta breve análise, a Bíblia não põe a incondicionalidade do pacto em contradição com a condicionalidade, ainda que se perceba uma tensão que não se resolve entre esses dois aspectos da natureza pactual. Eles trabalham em profunda harmonia e também são de extrema importância na mensagem de Javé nos livros históricos, catalisando a história de Israel e impulsionando o povo de Deus a ser fiel na sua relação com Ele. É com base na mensagem desta aliança que Israel conduz seus esforços e fortalece suas esperanças. A aliança com Davi enriquece as alianças anteriores feitas com Israel, e tem grande destaque e papel norteador na história da nação e do povo de Israel nos contextos pré-exílico, exílico e pós-exílico. É com base nessa aliança que as mensagens dos profetas têm sentido, nela os escritores dos livros de 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas providenciam esperança e responsabilidade ao povo de Israel na construção e manutenção de sua identidade nacional.

Também é possível concluir que a tensão presente na natureza da aliança divino-humana é um elemento de suma importância para a compreensão da teologia do Antigo Testamento. E, assim como a compreensão pactual impulsionou a história de Israel e sua fidelidade na relação com Deus, ela também pode ter impacto significativo na vida da igreja cristã da atualidade. Ao reconhecer tanto a incondicionalidade da promessa divina quanto a necessidade de uma resposta fiel e obediente do povo de Deus à aliança, a igreja pode renovar sua própria fidelidade a esta e viver em comunhão com Deus de forma confiante, esperançosa e responsável em consonância com sua fé.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Carlos Alberto; ANDRADE, Diego Pereira de. Um resumo analítico das diferentes abordagens sobre a relação da igreja com a nova aliança.

Revista Batista Pioneira, v. 8, p. 383-403, 2019.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2017.

GUSSO, Antonio Renato. Aliança no Antigo. **Via Teológica**, v. 1, p. 55-72, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/107>. Acesso em: 30 nov. 2022.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Jr., Gleason; WALTKE; Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2005.

HILL, Andrew E.; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida, 2011.

KAISER JR., Walter. **O Plano da Promessa de Deus: Teologia do Antigo e Novo Testamentos**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LASOR, William S. **Introdução ao Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PRATT JR., Richard L. **Comentários do Antigo Testamento: 1 e 2 Crônicas**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.